



## EM BUSCA DAS ORIGENS DOS SERES HUMANOS NO CONTINENTE AMERICANO: UM ESTUDO DE CASO

Gabriel Frechiani de Oliveira  
Pedro Paulo Abreu Funari  
Michel Justamand  
Jaqueline Feitosa Batista

### RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade investigar as origens dos seres humanos no continente americano, levando em consideração as três principais perspectivas de povoamento: a) discurso religioso cristão fundamentalista; b) discurso acerca dos povos da antiguidade; c) o discurso científico fundamentado em dados e vestígios arqueológicos. A principal justificativa surge da importância de ressaltarmos a busca pelas vias de povoamento dos primeiros grupos humanos no continente americano, no intuito de demonstrar as várias possibilidades e, não focalizando apenas o povoamento via estreito de Bering, no norte do continente americano.

### PALAVRAS-CHAVES

Povoamento do continente americano; Arqueologia; Análise do discurso.

### INTRODUÇÃO

O povoamento do continente americano pelos seres humanos constitui um assunto que gera muitas controvérsias no meio acadêmico, os pesquisadores não dispõem de informações conclusivas acerca de qual seria o primeiro ponto que os seres humanos adentraram no continente oriundos de outras partes do mundo, devido à ausência de grandes primatas fósseis e homens pré-sapiens.

Ao realizarmos uma pequena revisão na literatura sobre as origens dos seres humanos no continente americano, desde do período do “descobrimento” até os dias atuais, podemos dividi-las em três categorias: a primeira de origens bíblicas; a segunda, de origens dos povos da antiguidade e; a terceira, baseada em dados científicos, a partir de descobertas arqueológicas, em particular, a qual será enfatizada ao longo desse capítulo.





## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 O DISCURSO DE ORIGEM BÍBLICA

O discurso de origem bíblica do povoamento do continente americano estava baseado na possibilidade de os netos de Noé terem seus descendentes espalhados pelo mundo. Desde que iniciou o processo de colonização do continente americano, no final do século XV e XVI, no continente americano, houve a construção de uma identidade para aqueles povos chamamos de índios, a partir da Bíblia, compartilhada por católicos (portugueses e espanhóis) e protestantes (como os ingleses). Para os europeus da época, a explicação só podia estar no texto bíblico, tomado de forma literal e não metafórica, de uma maneira que, depois, seria chamada de fundamentalista (Vasconcellos 2008; Funari 2009).

Esses novos habitantes eram diferentes dos que os europeus estavam acostumados, como constatamos na narrativa da *Carta Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil* sob o comando da expedição de Pedro Álvares Cabral em 1500 (Carta de Pedro Vaz de Caminha, 2002).

E sempre enfatizavam a inocência desses novos habitantes. Podemos observar o caso espanhol, em especial o contato de Cristóvão Colombo ao se deparar com esses habitantes e pensando na possibilidade de ter alcançado seu objetivo de chegar às Índias Orientais através do oceano Atlântico e suas ações frente a essa nova descoberta (Todorov, 1999).

Essa perspectiva dos europeus em procurar elementos cristãos dos habitantes do Novo Mundo foi o âmago do desconhecimento dos europeus, que gerou um genocídio em um primeiro momento, como, a conquista do Império Asteca por Cortes e do Império Inca por Francisco Pizarro, em segundo momento.

Para Laming-Empeaire (1980, p.29-31),





Para as ciências humanas, a descoberta do Novo Mundo representou sobretudo das visões todas novas das civilizações indiferente com selvagem das América, era como o mundo dos primitivos. O interior da África, praticamente inacessível, permanece desconhecido da Idade Média. Até o momento da descoberta do Novo Mundo, os cristãos não realmente o Islã, por intermédio das Cruzadas e dos comerciantes, e em menor medida, os vilarejos da Ásia visitados por Marco Pólo e os enviados de Inocente III. O Islã, Ásia dos Kahns e os chineses são tecnicamente e culturalmente mais próximos das civilizações cristãos medievais. O selvagem da América ao contrário, esta é a revelação de um homem que nada parecido com vilas mediterrâneas e euroásíticas. Sua maneira de viver, seus costumes, suas armas ou ferramentas são citadas pelos pensadores e seu conhecimento preparou uma melhor compreensão dos nossos ancestrais da pré-história.

Em 1537 o papa Paulo III editou a *Bula Veritas Ipsa* na tentativa de resolver essa questão da natureza dos índios americanos, concedendo aos ameríndios natureza humana. Outra tentativa de buscar as origens bíblicas foi associar os habitantes do Novo Mundo com as *Tribos Perdidas de Israel* e assim mantendo uma origem bíblica desses povos. Paul Rivet (1960) cita outro mito hebraico, na possibilidade de os cananeus expulsos por Josué de Canaã terem empreendido uma marcha para oeste em direção a África, cruzando o oceano Atlântico e chegando ao continente americano.

## 2.2 O DISCURSO DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

Esse discurso acerca do povoamento do continente americano visa a buscar elementos que validem vestígios da presença das civilizações antigas, no intuito de evidenciar uma explicação para o povoamento. Esse discurso fundamenta-se em vários tipos de fontes, como a bíblica e as lendas da antiguidade.

De início, podemos abordar duas origens lendárias, a primeira, diz respeito à possibilidade da existência de um continente chamado Atlântida entre Europa e América, que em um determinado período foi submerso pelo oceano Atlântico, obrigando seus habitantes a migrarem e desembarcando no continente americano. Esse discurso tem por fundamento básico informações recolhidas por Platão e expostas no diálogo *Timeu e Critias ou a Atlântida* (Timaeus 24e–25a).





A segunda lenda, segundo Laming-Emperarie (1980), seria a do continente perdido de Mu ou Lémurie, estaria localizado entre o continente asiático e americano, inserido no oceano Pacífico e sendo submerso pelo mesmo, obrigando seus habitantes a migrarem para o continente americano. Tendo como principal pesquisador o zoólogo alemão Ernest Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1917) suas ideias foram retomadas pelo inglês James Churchward (1851-1936), na década de 30 do século XX.

Dentre todas as civilizações da antiguidade a que possui mais menções sobre essa questão é a cultura fenícia, nela encontramos apontamentos que variam desde fontes bíblicas até prováveis presenças físicas. Os Fenícios se caracterizaram pela sua habilidade de navegação nos mares e Harden (1971) afirma que existiria a possibilidade de os fenícios terem alcançado as ilhas Canárias, Açores e Madeira. Percebemos a navegação próxima à costa dos continentes, segundo o mesmo Harden, chegando até o mar Vermelho, demonstrando assim sua perícia na arte da navegação. A possibilidade e viagem ocasional dos fenícios até a América sempre pareceu algo possível.

Dentro desse quadro, apesar da falta de dados sobre os fenícios terem alcançado o continente americano, há fontes bibliográficas que afirmam a possibilidade de vestígios fenícios no Piauí. Reinaldo Coutinho (2000) sintetiza que essa possibilidade da presença fenícia seria a mística que gira em torno de "Sete Cidades" localizada no município de Brasileira, no Piauí, onde segundo Coutinho (2000) seria utilizada para organizar reuniões entres os fenícios e tupis. Tudo demasiado especulativo.

É muito complexo fazermos inferências da presença desses povos da antiguidade no continente americano e sem uma fundamentação sólida se pode cair em descrédito acadêmico. Martin (1996) trata como impossível a presença fenícia no Piauí e adjetiva Ludwig Schwennhagen de "semi-louco", mas não deixando de ressaltar a importância de conhecermos esses mitos e lendas, para sabermos um pouco mais da História da América. Aprende-se muito sobre as narrativas dos europeus, desde o século XV, com interpretações bíblicas, clássicas greco-romanas ou





fenícias, que dizem mais sobre os modernos, do que sobre a efetiva colonização primitiva do continente americano.

### 2.3 O DISCURSO CIENTÍFICO

Este discurso científico está baseado na fundamentação em dados factuais, em particular, a cultura material encontrada no continente americano pelos pesquisadores, no período histórico do final do século XIX ao século XX.

Excetuando o paleontólogo argentino Florentino Ameghino (1854-1911) que defendeu a possibilidade de seres humanos terem evoluído nos pampas argentinos, baseado em estudo de fósseis, passando do estágio do *Tetraprothomo*, *Triprothomo*, *Diprothomo* e chegando ao estágio dos seres humanos atual, no caso de Ameghino, *Homonuculus patagonicus*.

Essas proposições sobre a evolução dos seres humanos no continente americano foram desacreditadas, em especial, segundo Trigger (2004) pelo antropólogo tcheco Ales Hrdlicka (1869-1943) que desenvolvia trabalhos no Museu Nacional do Estados Unidos desde de 1903, pondo em xeque as teses de Ameghino no Congresso Internacional de Americanistas, em 1910 e assim buscando um novo *apontamento* para o povoamento do continente americano.

#### 2.3.1 UMA VISÃO SOBRE O POVOAMENTO PELO NORTE DO CONTINENTE AMERICANO

Consideramos Hrdlicka como precursor do discurso do povoamento do continente americano pelo norte, em especial, no sentido de derrubar as teses de Ameghino, por meio de estudos antropológicos e assim buscando as origens dos índios ameríndios. Lavellé (1995) afirma que os estudos de Hrdlicka estavam baseados nos traços físicos – pele, cabelo, pilosidade e craniometria – no intuito de demonstrar que os índios americanos fariam parte de um único grupo mongoloide e sendo vindo de um ponto comum, da Ásia, passando pelo estreito de Bering, em um período do Holoceno.





Portanto, a teoria de Ales Hrdlicka ganhou grande reputação no meio acadêmico e se tornou paradigma importante para o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no continente americano. Laming-Emperaire (1976) afirma que a aceitação das idéias de Hrdlicka pela comunidade científica, tornou-se um dos caminhos para o estudo do povoamento da América.

Para Ruiz (1953), Ales Hrdlicka acreditava nessa unidade mongoloide dos seres humanos americanos. Propondo quatro “momentos migratórios”, o primeiro momento migratório, mais antigo, com indivíduos que possuiriam crânios doliocéfalos que teriam originado as tribos iroqueses, astecas e algumas outras; o segundo momento migratório, por indivíduos de crânio braquicéfalo que teriam chegado até o continente sul americano; terceiro momento e quarto momento, por migrantes que dariam origem aos esquimós que estabeleceriam no extremo norte do continente americano.

Dentro dessa perspectiva, procuraram-se outros elementos que pudessem fornecer uma confirmação da presença dos seres humanos no continente americano, devido a não existir uma técnica de datação absoluta (carbono 14) até final da década de 1940, dificultando a construção de quadros cronológicos seguros. MacNeish (1996, p.187) ressalta a interpretação de artefatos líticos ainda antes das datações: “Na década de 1930, Clovis foi utilizado como um marco da presença humana nas Américas [...]” e as pontas de Folsom na década de 20, no Novo México (EUA). Laming-Emperaire (1973 a) considera a indústria de pedras lascadas com características grosseiras (choppers), logo, como sendo referências para caracterizar esses povos “caçadores-coletores”. Com a utilização da técnica de datação do carbono 14, começou-se a construir quadros cronológicos mais precisos para o continente americano e assim correlacionando os dados entre si.

Martin (1996) afirma que essa corrente que situa o povoamento das Américas entre 10 a 12 mil anos atrás é defendida por grupos da Arqueologia norte-americana, em especial o Bureau American Ethnology, da Smithsonian Institution of América (onde Hrdlicka foi diretor), seguindo muito dessa das idéias de Hrdlicka, sendo principais pesquisadores, Thomas Lynch, Dena Dinacauze e Betty Meggers (em um momento de sua carreira acadêmica e é interessante por ter influenciado a Arqueologia brasileira).





Com a intensificação das pesquisas arqueológicas, descobrimentos e achados com datações mais recuadas, nas décadas de 50 a 70 do século XX, a comunidade científica começou a aceitar o início de povoamento por volta de 30 mil anos atrás, mesmo assim com muita reticência. No Brasil durante o período de 1965-71, desenvolveu-se por meio de uma parceria entre o governo militar brasileiro e o norte-americano, o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas). Foi estabelecida uma parceria entre o Smithsonian Institution e a Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, visando a construir um quadro cronológico para Arqueologia brasileira, sob a direção de Betty Meggers e Clifford Evans que treinaram uma geração de arqueólogos e cujas influências são presentes até os dias atuais.

Nesse sentido, Gaspar (2004) afirma que os estudos do PRONAPA focalizaram-se em particular na cerâmica, partindo do pressuposto inicial que o povoamento do Brasil seria inferior ao paradigma Clóvis e assim não aprofundando os estudos nos locais pesquisados.

A própria Arqueologia passou por uma série de transformações denominadas de "Nova Arqueologia", segundo Trigger (2004), ao afirmar que a publicação do artigo "Nova Arqueologia" na revista *Science* de Joseph Caldwell em 1959, objetivava delinear os rumos da Arqueologia norte-americana, no sentido de enfatizar a importância do meio ambiente e os padrões de ocupações. Durante a década posterior, esse movimento de renovação da Arqueologia americana, ganhou força na figura de Lewis Binford que publicou dois artigos; "Arqueologia como antropologia" em 1962 e "A sistemática Arqueologia e o estudo dos processos culturais" em 1965.

Dentro dessa visão, o principal papel da Arqueologia seria explicar as mudanças culturais e tentando correlacionar com o meio ambiente, logo, a Arqueologia seria uma *ciência preditiva*, no elaborar generalizações que se seriam leis que regeriam o comportamento humano. A "Nova Arqueologia" foi responsável por um aperfeiçoamento das técnicas de amostragem, ressaltando a importância do meio para os seres humanos e a cultura como um sistema, em oposição, à visão histórico-culturalista. Bahn e Renfrew (1993) afirmam que a "Nova Arqueologia" seria uma





crítica ao método tipológico e a Escola Histórico-Culturalista, logo, a Arqueologia buscaria um *status de ciência* mais próxima a ciências da natureza, ou como, afirmou David L. Clarke (1937-1976) com a “Nova Arqueologia” no seu artigo intitulado, “Arqueologia: a perda da inocência” de 1973.

Nessa perspectiva, devemos ressaltar a importância das datações das glaciações nesse contexto, sendo responsáveis pelo aparecimento de uma ponte “*biogeográfica*” entre a Sibéria, na Ásia e o Alasca, na América do Norte, durante a última glaciação de Wisconsin por volta 75 a 10 mil anos atrás, permitindo assim, um abaixamento no nível do oceano pacífico e criando as condições terrestres para a migração tanto humana quanto de animais.

Dentro da Arqueologia brasileira essa visão da primeira migração humana via Beríngia e depois, espalhando-se pela as demais partes do continente, vem sendo defendida pelo bioantropólogo Walter Neves, da USP, mas com algumas modificações nos momentos migratórios. Estudou um crânio achado pela Missão Francesa (1974-1975) em Lagoa Santa, de características africanas e sendo considerado o crânio mais antigo do continente sul americano, batizada de Luzia e com aproximadamente 11 a 11,5 mil anos atrás e assim propondo o “*modelo dos dois componentes biológicos principais*” (Neves 2006) afirmando que a migração inicial teria ocorrido por volta de 18 mil anos atrás.

### 2.3.2 UMA VISÃO SOBRE O POVOAMENTO PELO SUL DO CONTINENTE AMERICANO

Essa corrente do povoamento do continente é defendida pela “*escola francesa*” de Arqueologia, que dividimos em três momentos distintos, selecionando os principais representantes e sua influência para a Arqueologia brasileira. Em um primeiro momento, consideramos como precursor o etnólogo Paul Rivet (1876-1958), com seu artigo “Les Malayos-Polineses en Amérique” em 1926, fazendo inferências da possibilidade da travessia marítima de povos localizados na Oceania para o continente americano. Em seus estudos, Rivet procurou analogias entre esses dois extremos





geográficos, no intuito de validar suas hipóteses e, talvez, a obra que sintetize melhor essas ideias seria "As origens do homem americano" na década de 40 do século XX.

Como não é possível retroceder no tempo, caberia apenas tentar conjecturar e tentar formular hipóteses. Tanto Rivet (1960) quanto Laming-Emperaire (1980) relatam a experiência de Thor Heyerdahl (1914-2002) através de suas pesquisas buscando demonstrar os contatos entre os polinésios e a América, por fim realizando essa travessia do oceano pacífico numa jangada em 1947, demonstrando na prática essa possível via do povoamento da América.

Rivet (1960) afirma que os elementos culturais que permitiriam fazer analogia entre os melanésios os povos indígenas americano são muitos, como: armas (sarabatana, propulsor, tacape anular e estrelado, arco); utensílios (enxó de cabo em cotovelo); navegação (remo em forma de muleta, embarcação, feita com canas, jangada, piroga dupla); objetos de uso doméstico (pilão de madeira, assentos e travesseiros de madeira, rede); vestuários e adornos (capa de fibras vegetais contra a chuva); cozinha (preparação de bebidas alcoólicas por mastigação de tubérculos ou de grãos); a introdução do *tifo murino* por ratos que teriam vindo nas embarcações e elementos linguísticos.

Acerca dos contatos entre os polinésios e o continente americano, Rivet (1960) através de estudos linguísticos demonstrou por analogias de semelhanças entre algumas palavras polinésias e alguns povos americanos (batata-doce, polinésia se chama *kumara*, enquanto no Haiti, *umara*), introdução do inhame (*dioscorea alata*), coco da Bahia (*cocos nucifera*) e da batata-doce (*hibicus tilaceus*).

Em um primeiro momento, a ideia de Paul Rivet acerca do povoamento da América, recebeu muita crítica da comunidade acadêmica e assim gerando muitos questionamentos sobre a sua fundamentação, como, a localização dos primeiros sítios desses navegantes e as possíveis vias de acesso. Devemos ressaltar que a importância das glaciações de Wisconsin nesse contexto, provocando a diminuição dos níveis dos oceanos, reduzindo distâncias e criando pontos de apoio, como ilhas.

Em um segundo momento, afirma Prous (1999), os alunos de Rivet, Annette e Josef Emperarie vieram ao Brasil em 1954-56, no intuito de pesquisar acerca das teorias de Paul Rivet, buscando uma possível validação, criando o primeiro curso de





Ítico na Universidade Federal do Paraná década de 50 e depois uma missão arqueológica sob o comando de Laming-Emperaire em Lagoa Santa, Minas Gerais e estendendo-se para o Piauí na década de 70, sob o comando de Guidon. Foram responsáveis pelo treinamento de uma outra geração de arqueólogos brasileiros, diferente da anterior treinada por Evans e Meggers.

Nesse segundo momento, Laming-Emperaire ao longo de suas pesquisas chegou a uma não validação das ideias do povoamento da América de Paul Rivet (1960).

Para Laming-Emperaire (1980, p.46),

Seus argumentos são para uns acima de tudo etnológicos, para os outros autores sobretudo arqueológico. A medida que o tempo passou não se satisfaz mais de assinalar analogias, mas em pesquisar as vias e as modalidades dos contatos múltiplas.[...] Suas teorias que foram acolhidas por muitos e sobretudo pelos norte-americanos com um grande ceticismo, estão atualmente largamente ultrapassadas. A etnologia, a lingüística e a Arqueologia depois de 50 anos de progresso, que não é mais possível colocar os problemas da mesma forma que foram colocados por Rivet. Suas hipóteses não foram inúteis porque elas obrigaram esses mesmos que os criticaram a formular os problemas em termos mais precisos e mais claros.

Laming-Emperaire (1976) afirma que o período inicial do povoamento da América pode ter ocorrido por volta 60 mil anos atrás, mas não excluindo a possibilidade de um povoamento de 80 a 100 mil anos atrás, sendo a passagem do estreito de Bering a via principal de acesso e mais antiga desses primeiros migrantes, assim Laming-Emperaire (1980) propondo três vagas populacionais: a primeira vaga migrou por volta de 70 mil a.c; a segunda vaga, por volta de 28,5 a 25 mil anos atrás; terceira vaga, por volta de 13 a 11 mil anos atrás e; a partir de 10 mil atrás, a região não apresentava mais obstáculos para a migração de outros povos, recebendo outros fluxos populacionais (Funari e Noelli 2002).

Fica claro a partir do terceiro momento, com o desenvolvimento dos trabalhos da Missão Francesa em dois focos; o primeiro, em Lagoa Santa, com o Prous e; o segundo, com Guidon no Piauí, ambos na década de 70. Ao longo de suas pesquisas, ambos pesquisadores realizaram importantes trabalhos na Arqueologia brasileira e chegaram a conclusões diferentes acerca do povoamento do continente americano.

Para Prous (1992, p.119-120),





[...] o povoamento das Américas teve início por volta de 40 mil anos. Nesse período, um rebaixamento do nível dos oceanos deixou emergida uma larga faixa de terra entre a Sibéria e o Alasca. Os primeiros imigrantes foram, portanto, asiáticos, ainda geneticamente pouco mongolizados, mas que transmitiram aos seus descendentes vários traços característicos das populações ditas amarelas, como, por exemplo, grupo sanguíneo exclusivamente do tipo O, cabelo preto e liso, pouca pilosidade, etc. Pelos cálculos dos arqueólogos e dos estudiosos de paleodemografia, deviam ser pouco numerosos, e demoram aproximadamente 25 mil anos para povoar toda a América do Norte, mantendo até 12000 BP uma densidade fraca (por volta de 0,1 habitante por Km<sup>2</sup>). Até então suas armas eram rudimentares e a caça aos grandes animais, a mais rentável, devia se fazer de perto, usando-se varas armadas com pontas sem farpa (do tipo 'Clovis') a fim de serem retiradas imediatamente do animal ferido, sem deixar o atacante desarmado. Bem antes disso, talvez por volta de 30 mil anos atrás, pequenos grupos tinham penetrado na América do Sul, cuja colonização devia se completar de 10 mil anos atrás, quando a Patagônia começou a ficar livre das geleiras pleistocênicas permanentes. No entanto, os sítios datados de mais 10 mil anos atrás são raríssimos em toda a América do Sul, mostrando o quanto a população era ainda limitada, sendo que o seu crescimento orientando mais para a ocupação dos espaços livres do que para uma implantação mais densa nas regiões já conquistadas. Apenas por volta de nove mil anos atrás a multiplicação dos sítios conhecidos mostra que o continente nesse momento estava densamente povoado. Em nosso atual estágio conhecimento, não se pode pensar em um povoamento do território brasileiro em época muito anterior a 20 mil anos. Até poucos anos atrás, muito se recusavam até a admitir uma ocupação de humana pleistocênica há 12 mil ou mais.

Com relação às ideias de Rivet (1960) acerca da possibilidade da migração australiana, Prous (2006) afirma que não são mais válidas, devido não terem encontrado datações muito recuadas nas ilhas do pacífico e assim, não poderiam ser oriundos dos primeiros migrantes. Também Prous foi um dos críticos das datações recuadas pleistocênicas no Brasil, em especial da região Nordeste, em particular, da Toca do Boqueirão da Pedra Furada no PARNA Serra da Capivara (PI) e a Toca da Esperança, em Central (BA).

Em contraposição às ideias de Prous (1992; 2006), Guidon com mais de 30 anos de pesquisas realizadas no Piauí, na região Nordeste do Brasil, afirmava (Guidon 1991, p. 17):





A presença do Homem no Nordeste é, de maneira muito bem documentada, comprovadamente muito antiga. A seqüência de cerca de 46 datações obtidas para diferentes sítios no Piauí, a longa coluna estratigráfica no abrigo Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada que cobre cerca de 60.000 anos, a abundância da indústria lítica, em quartzo e quartzito ligada a essas datas antigas, a presença de fogueiras estruturadas bem definidas nas camadas datadas, a existência de blocos de parede caída, com pinturas nessas mesmas camadas, são dados irrefutáveis.

Nessa estratigrafia não há inversão de camadas, foi possível definir-se o contexto arqueológico.[...] Na toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada a descoberta das camadas mais antigas do que 32.000 anos foi feita em agosto de 1987 com o prosseguimento das escavações, iniciadas em 1978 e que se prosseguiram em 1980, 1981, 1984, 1985 e 1986.

O marco inicial da pesquisadora Guidon no sentido de tentar quebrar esse paradigma de Clóvis e chamar a atenção para um possível povoamento pleistoceno no Brasil, é percebido quando Guidon e Delibrias (1986, p.321) afirmam:

O panorama que o homem não chegou ao continente americano antes da última glaciação tem se baseado pelo fato que até agora o conhecimento e os sítios arqueologicamente datados não possuem de antiguidade muito recuada. Mas agora informe de datações radiocarbônicas oriundo do sítio brasileiro qual fixou que o homem estaria vivendo na América do Sul por no mínimo 32,000 anos atrás. Estes novos achados surgem vindo das vastas pinturas rupestres do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, as paredes e o teto do qual são decoradas com um rico quadro da pré-história. Nós escavamos uma seqüência que possuía uma abundante indústria lítica e estruturas em todos os níveis. Datações de carbono 14 oriundas do carvão vegetal estabelecem uma cronologia contínua indicando presença humana de  $6,130 \pm 130$  para  $32,160 \pm 100$  anos atrás BP (GUIDON; DELIBRIAS, 1986, p.321).

Neste sentido, Guidon e Delibrias com esse artigo tentam chamar atenção da comunidade científica para um povoamento do continente sul americano mais recuado. Ali, fizeram inferências acerca do paradigma de Clóvis e suas deficiências em explicar as primeiras migrações para o Novo Mundo, sendo considerada as duas faces de uma realidade do povoamento da América.

Segundo Guidon (1984, p.153),

Atualmente se defrontam duas "escolas": a dos "prudentes" e a dos "ousados". A primeira defende a teoria de que a América só foi povoada muito tardiamente, há cerca de 15.000 anos e a segunda propõe idades existentes recuadas, entre 30.000 a 70.000 anos, para presença humana no Novo Continente.





Como explicar as datações tão recuadas no continente sul americano, em especial, na região Nordeste do Brasil? E de onde vieram esses migrantes e por onde adentraram no continente? O desconcertante sítio da Pedra Furada provocou um processo inicial de revisão nas teorias e nas explicações acerca do povoamento da América, evidenciadas no I Simpósio do Povoamento da Américas em 1993, em São Raimundo, no Piauí. Uma das primeiras vozes a afirmar que o “paradigma Clóvis” estaria ultrapassado foi o pesquisador canadense MacNeish.

De acordo MacNeish (1991, p.199),

Mais de 80 componentes pré-clovis, que vão de Nenanna no Alasca até Monte Verde no sul do Chile, produziram evidências da ocupação humana.[...] A velha teoria excessivamente abrangente de uma única e rápida migração do povo Clovis iniciando-se há 12.000 BP não é mais defensável e tem de ser substituída com modelos que se adaptem aos novos fatos. Abrimos a caixa de Pandora, e apenas a pesquisa futura determinará quais modelos emergirão.

Outro sítio arqueológico fora do Brasil considerado pré-clóvis é o sítio de Monte Verde no Chile, escavado por Tomas Dillehay. Dillehay (1996) afirma que abrangeria desde 12.800 a 33.000 BP, sem continuidade. Dentro do território brasileiro possuímos sítios como datações superiores a 13.000 mil anos AP, como, Toca da Esperança, escavado por Maria Conceição Beltrão. Segundo Beltrão (1993), esse sítio possuiria com datações que se estenderiam de até 295.000 anos atrás, configurando a possibilidade de uma ocupação do *Homo erectus*, sendo alvos de muitas críticas por parte da comunidade acadêmica.

Nessa perspectiva, necessitamos de outras ferramentas para aprofundar-nos na questão do povoamento das Américas, a parasitologia seria uma delas. Através dos estudos parasitas poderíamos conhecer a distribuição dos seres humanos no continente e fazermos inferências acerca das vias de povoamento.

Segundo Araújo e Ferreira (1996, p.106),





As espécies biológicas não surgem em mais de um ponto geográfico, como pressupõe a teoria de evolução das espécies de Charles Darwin. As infecções parasitárias são, portanto, marcadores biológicos de difusão de hospedeiros, acompanhadas sua ocupação de novos territórios, à medida que as condições mesológicas o permitem[...].A contribuição da paleoparasitologia foi conclusiva para esta questão. O encontro de parasitos em material arqueológico datado de períodos pré-colombianos estabelece, no espaço e no tempo, quais infecções parasitárias encontravam-se entre os ameríndios em épocas à colonização europeia e ao tráfico negroiro.

Rivet (1960) afirma que o médico americano Fred L. Sopper realizou estudos em tribos indígenas no Paraguai em 1927 e demonstrou a possibilidade de que certos parasitas poderiam ter sido introduzidos por outras vias, como, *Ancilóstomo Duodenale*. Esse é um caso interessante de abordamos, em especial, o ciclo de vida da parasita em questão encontrada na Toca do Boqueirão da Pedra Furada, onde coprólitos, com datações de 7.230+-80 anos AP.

Para Araújo e Ferreira (1996, p.106-110),

As diferenças encontradas nos padrões de infecção levaram a interpretação de que algumas populações indígenas seriam de origem asiática, mas sua penetração deveu-se a migrações transpácificas, em períodos pré-colombiano (Manter, 1967; Fonseca, 1972). Essas conclusões baseavam-se em teorias de povoamento da América pela via transpácífica (Rivet, 1926) e na impossibilidade das parasitoses encontradas, manterem seu ciclo de transmissão sob as baixas temperaturas da região da Sibéria e Alasca (Nicole, 1932). Segundo Stewart (1960), o clima da região de Bering teria agido como filtro para as infecções existentes nas populações que seguiram essa rota.[...] A infecção humana por ancilostomídeos transmite-se de hospedeiro a hospedeiro, com estágios larvares obrigatoriamente evoluindo no solo, sob condições específicas de temperatura e umidade que, em condições ideais, dá-se entre 25° e 30°C. Nesse caso, as migrações humanas pré-históricas pela via de Bering não poderiam ter introduzido esta parasitose na América, em virtude das baixas temperaturas no solo, o longo caminho percorrido sob essas condições climáticas, e as gerações de hospedeiros que se sucederam das Sibéria até América do Norte.[...] É preciso notar que a presença de infecção por *Ancylostoma duodenale* e *Trichuris trichiura* da América pré-colombiana é um indicador de contatos transmarítimos, mas não necessariamente de intensos, ou numerosos, movimentos migratórios. Poucos contatos seriam capazes de infectar uma população já existentes (Marasciulo, 1992). Por outro lado os dados indicam que a possibilidade de navegação já existiam há mais de 7.200 anos (Araújo et al., 1988).

Na parte norte do continente americano, a infecção de parasitose mais comum foi por *Enterobius vermiculares* com datações de até 10.000 anos atrás, Araújo, Gonçalves e Ferreira (2006) afirmam que essa parasitose teria vindo com os seres





humanos que atravessaram o caminho de Bering, da Ásia para o Alasca, e seu ciclo de vida suportaria baixas temperaturas glaciais, enquanto, o *Ancylostoma duodenale* e *Trichuris trichiura* não suportariam temperaturas inferiores a 25 a 30°C.

Acerca do povoamento das Américas, as atuais pesquisas buscam outras vias de acessos pelas quais os seres humanos poderiam ter adentrado. Há hipóteses antigas, como do arqueólogo português Correa Mendes na possibilidade de uma passagem pela Antártica e assim desembarcado no extremo sul do continente americano, ou novas hipóteses em possíveis migrações do Velho Mundo para o Novo Mundo. Como as pesquisas em bioantropologia que progridem com muita velocidade e a possibilidade da utilização do DNA Mitocondrial para sabermos informações sobre a espécie humana, pode em um futuro próximo render muitos frutos para o estudo povoamentos do continente americano, como afirmou Fabrício Santos, na II Conferência do Povoamento das Américas, em 2006.

Por fim, devemos chamar a atenção para a possibilidade migratória do continente africano para o continente sul americano; esse é um dos pontos que as pesquisas da professora Guidon apontam e foram debatidos durante a II Conferência do Povoamento da América, somente o tempo e o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas poderão validar ou não as inferências de Guidon.

Para Guidon (2005, p.6),

O mar esteve, durante certas épocas do último glacial, até 150m abaixo do nível atual. Assim sendo havia muito mais ilhas entre os continentes e a passagem da África para o litoral nordeste do Brasil e para o Caribe não representava grandes problemas. *Homo sapiens* já existia na África há 190.000 anos, por isso é normal que possa ter chegado até as costas americanas antes de 100.000 anos atrás. [...]

Portanto, podemos propor um novo panorama: os primeiros homens vieram da África e chegaram até a costa do Nordeste e Caribe. Adaptaram-se ao meio ambiente, cresceram, prosperaram e os grupos, lentamente, foram se espalhado pelo novo continente. Aqui, aonde chegaram, suas presenças durante muito tempo, permitiram o desenvolvimento de sociedades avançadas, plenamente adaptadas ao meio em que viviam. E um dia chegaram homens vindos pelo Pacífico, aportando à costa oeste da América do Sul, tinham dado a volta ao mundo.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o povoamento do continente americano constitui um assunto muito complexo e continuará gerando muitas controvérsias. Estando a Arqueologia brasileira aberta para mais pesquisas de pré-história, não pode ser um discurso dogmático imposto. Temos como certo que mais estudos serão necessários para a construção de novas possibilidades. Essa construção será possível graças aos trabalhos científico dos arqueólogos no dia-a-dia em suas escavações nos sítios, resultando na abertura de novas pesquisas e reflexões. Talvez, somente o tempo, as pesquisas arqueológicas e as inovações tecnológicas possam melhor elucidar essa questão fundamental e insistente.

Para Laming-Emperaire (1980, p.13),

As hipóteses são múltiplas. Sua simples enumeração é impressionante. Esses são principalmente os Fenícios, os Assírios, os Egípcios, os Cananeus, os Israelitas, os Troianos, os Gregos, os Etruscos, os Romanos, os Celtas que são utilizados para explicar as civilizações ameríndias, ao menos as civilizações avançadas em relação as outras, aquelas "selvagens", pouco se pesquisa as origens. Depois, a medida que o tempo passou, se invocou também os tártaros, os Hunos, os Indus, os Chineses, os Budistas, os Africanos [...], os Vikings, os Gauleses, os Irlandeses, os Bascos, os Potugueses, os Espanhóis, os Franceses. Em uma palavra todas as épocas antigas dentro das quais mistura-se a destruição de uma vila ou de uma cultura (Tróia), naufrágio de uma armada (Alexandre) ou das conquistas ou das invasões nas terras distantes (os Hunos, os Vikings) são suscetíveis de serem utilizadas.

Onde houver um navio naufragado, uma civilização que parece desconhecida ou mesmo prováveis presenças físicas de povos desaparecidos, construiu-se uma mística sobre as origens dos habitantes do continente americano. Isso representaria uma busca dos colonizadores em explicar ou mesmo como justificar a sua dominação sobre as tribos indígenas americanas. Parece-nos necessário afastar-se de toda visão imperialista ou colonialista e estar sempre abertos às novas descobertas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Maria Conceição Beltão, Madu Gaspar, Niède Guidon, Walter Neves e André Prous. Mencionamos o apoio institucional da UFAM, Unicamp, CNPq e Fapesp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.





## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adauto; FERREIRA, Luiz Fernando. **Paleoparasitologia e povoamento da América**. In: Fundamentos - Revista da Fundação do Museu do Homem Americano. São Raimundo. Vol 1, nº 1, 1996, p.105-114.

ARAÚJO, Adauto G.; GONÇALVES, Marcelo; FERREIRA, Luiz F. **Migrações Pré-históricas e paleoparasitologia**. SILVA; Hilton P.; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. In: Nossa origem: o povoamento das Américas, visões interdisciplinares. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

BAHN, P.; REFREW, C. **Arqueologia: Teorias, métodos y practica**. Madrid: Akal, 1993.

BELTRÃO, Maria da Conceição. **A região arqueológica de Central, Bahia, Brasil: A Toca da Esperança, um sítio arqueológico do pleistoceno médio**. In: Fundamentos. Revista da Fundação do Museu do Homem Americano. São Raimundo. Vol 1, nº 1, 1996, p. 115-146.

Carta Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

COUTINHO, Reinaldo. **Desvendando Sete Cidades**. Teresina: Edições Tur-Troya. 2000.

DILEHAY, Tom D. **Uma sinopse do registro arqueológico de Monte Verde**. Fundamentos. In: Revista da Fundação do Museu do Homem Americano. São Raimundo. Vol 1, nº 1, 1996, p.147-151.

FUNARI, P.P.A. & NOELLI, F.S. **Pré-História do Brasil**. São Paulo, Contexto, 2002.

FUNARI, P.P.A. **Resenha de Fundamentalismos, de Pedro Vasconcellos, Revista Estudos de Religião, 3, 2009, 124-126**.

GASPAR, MaDu. **Sambaqui: Arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GUIDON, Niède. **Reflexões sobre o povoamento da América**. In: Dedalo, nº 23, 1984, p.153-156.

GUIDON, Niède; DELIBRIAS, Georgette. Carbon – 14 dates point to man in the Americas 32,000 years ago. Nature, London, vol. 321, nº 6072, 1986, p.385-408.

GUIDON, Niède. **O Pleistoceno no Sudeste do Piauí**. In: Anais I Simpósio de Pré-História. 30, 30-3 ABR. Pernambuco, 1991. p.17-19.

GUIDON, Niède. **A maior concentração de pinturas rupestres do mundo está no Piauí**. In: Sapiência, Ano 2, Nº 5, 2005, p.6-7.

HARDEN, Donald. **Os Fenícios**. Lisboa: Editora Verbo, 1971. p.170-188.

LAMING-EMPARIE, Annette. **Problèmes de Préhistoire Bresilienne**. In: Annales: Economies, Societes et Civilisations, Paris,1973 b. p.229-254.

LAMING-EMPARIE, Annette. **L'Archaeologie Prehistorique**. Paris: Editions du Seul, 1973a.

LAMING-EMPARIE, Annette. **Le plus ancien peuplement de l'Amérique**. In: Bulletin de la Societé prehistorique française, nº 73. (CRSM 9), 1976. p.280-287.

LAMING-EMPARIE, Annette. **Le problème des orgines americaines: theories, hypothèses, documents**. Paris: Editions de la maison des sciences de l'homme, 1980.

LAVALLÉ, Daniele. **Promesse d'Amérique: La prehistoire de l'Amérique du Sud**.





Pairs: Hachette,. 1995. p.9-137.

MACNEISH, Richard. **Provas Pré-clovis de pendejo e suas implicações**. In: Fundamentos – Revista da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo Nonato (PI). 1996, p. 171-200.

MARTIN, Gabriela. **A Pré-história do Nordeste**. Editora UFPE: Pernambuco, 1996.

NEVES, Walter. **Origens do homem nas Américas: fósseis versus moléculas**. In: SILVA; Hilton P.; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. **Nossa origem: o povoamento das Américas, visões interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Unb, 1992.

PROUS, André. **Arqueologia, Pré-história e História**. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org). **Pré-história da terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 7-32.

RIVET, Paul. **As Origens do Homem Americano**. São Paulo: Editora Ahembi, 1960.

RUIZ, Felipe Gonzalez. **Evolucion de la Cultura en America**. Madrid: Ediciones Sapientia, 1953.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: A questão do outro**. 2ª Edição São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TRIGGER, B. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus editora, 2004.

Vasconcellos, P. **Fundamentalismos**. São Paulo, Paulinas, 2008.

